

A dimensão espiritual do ser humano segundo Orígenes de Alexandria

The spiritual dimension of the human being according to Origen of Alexandria

Donizete José Xavier
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Francisco Erlânio Gomes Ribeiro
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Resumo

O presente artigo visa a abordar a questão da dimensão espiritual do ser humano a partir da leitura e comentário de textos seletos da obra de Orígenes de Alexandria (185-251 d.C.). De modo específico, analisaremos trechos do *Comentário ao Cântico dos Cânticos*, obra que revela o vigor espiritual do mestre alexandrino. Gregório Taumaturgo, discípulo de Orígenes, qualifica-o como um homem *entusiasmado*, ou seja, habitado pela presença de Deus. Essa vivência espiritual, segundo Orígenes, é possível ao homem que entra no dinamismo da vida divina. Em nosso artigo apresentamos a interpretação origeniana da criação do homem à imagem e semelhança de Deus como pressuposto da vida espiritual e, concomitantemente, como esse ser criatural responde à iniciativa divina.

Abstract

The present article aims to addresses the spiritual matter of the human being from the reading and commentaries of selected texts of Origen of Alexandria (185 - 251 AD). In a specific way, we will analyze sections of the *Commentary on the Canticle of Canticles*, work that reveals the spiritual vigor of the Alexandrian master. Gregory Thaumaturgo, a disciple of Origen, qualifies him as an enthusiastic man, that is, inhabited by the presence of God. This spiritual experience, according to Origen, is possible for the man who enters the dynamism of the divine life. In our article, we present the origerian interpretation of the creation of man in the image and likeness of God as a presupposition of the spiritual life and, simultaneously, how this creaturely being responds to the divine initiative.

Palavras-chave

Orígenes de Alexandria.
Antropologia teológica.
Espiritualidade.
Teologia patrística.

Keywords

Origen of Alexandria.
Theological Anthropology.
Spirituality.
Patristic Theology.

E porque Deus é amor e o Filho que, procede de Deus, também é amor, ele exige que haja em nós alguma coisa que lhe seja semelhante, e por esse amor que está em Cristo Jesus nós sejamos unidos a Deus que é amor por uma espécie de parentesco pelo amor...

(ORÍGENES, 2018, Prólogo 2, 29).

Introdução

No presente artigo, pretendemos abordar a questão da vida no Espírito a partir de textos seletos da obra origeneana. Orígenes tem uma produção teológica vasta cujo objeto é, predominantemente, a Sagrada Escritura. Dispomos, ainda, que em número reduzido, de Comentários e Homilias escritos na segunda fase de sua vida em Cesareia da Palestina. É sabido que o mestre Alexandrino, sem desconsiderar o sentido literal do texto bíblico, mas, partindo dele, conduz o leitor ao seu sentido espiritual. De fato, como ele mesmo afirma, a Escritura, para ser compreendida e vivida, deve ser lida segundo o Espírito Santo, seu inspirador.

O tema da vida no Espírito aparece esparzido na obra origeneana. O ser humano, sendo de natureza espiritual, é chamado ao reconhecimento de sua condição de origem. A via desse reconhecimento é mediada pelo Espírito de Deus que toca o espírito humano inflamando-o de amor. No Comentário ao Cântico dos Cânticos, Orígenes, através da leitura alegórica, leva-nos a percorrer esse caminho, que passa pela descoberta do ser criado à imagem e semelhança de Deus, ao desejo sempre crescente da participação na vida divina.

A criação do homem à imagem e semelhança de Deus

No Comentário ao Cântico dos Cânticos, Orígenes comenta o verso do livro sapiencial: “Se não te conheces, ó a melhor (bela) entre as mulheres, sai atrás das pegadas dos rebanhos, e faz pastar os teus bodes entre as pegadas dos pastores” (Ct 1,8). A exortação ao conhecimento de si, na perspectiva de Orígenes, é feita não mais pelos sábios antigos (filósofos), mas, por Salomão, o rei sábio, que “é de muitas maneiras, uma figura de Cristo: ou porque é

chamado o ‘Pacífico’, ou, porque a ‘rainha do Sul veio dos confins da terra escutar a sabedoria de Salomão’” (ORÍGENES, 2018, Prólogo 4,17-20). Desta vez, é o próprio Verbo de Deus, o Esposo, que dirige sua exortação à Esposa:

Se não te conheceres a ti mesma, ó mais bela entre as mulheres, se não reconheceres que a origem da tua beleza vem de seres feita à imagem de Deus, e que por isso há em ti um encanto natural; e se não perceberes como és bela desde o teu início, apesar de que agora ultrapassas em beleza as outras mulheres, e só tu és chamada a bela entre elas; e se ao mesmo tempo não souberes quem és - e eu não quero que a tua beleza pareça excelente por comparação com as outras que são inferiores, mas que estejas em consonância contigo mesma, e te coloques no nível da tua própria dignidade... (ORÍGENES, 2018, II, 5, 2).

Na citação acima, é perceptível a imbricação entre a primeira parte do versículo e a segunda: a alma não sabedora de si, de sua beleza e bondade, seguirá as pegadas dos rebanhos e vagará entre as tendas dos pastores. Notemos, também, que há certa gravidade na fala do esposo. Ele se dirige à esposa com um tom cominatório (*sub comminatione*): “(...) segundo a ordem da narrativa, ele [o esposo] declarou uma advertência à esposa, tratando de animá-la para que se dedique ao conhecimento de si mesmo” (ORÍGENES, 2018, II, 5,5). Esse recurso persuasivo é expresso pela conjunção adversativa *se não* (*nisi*) que reforça o apelo do esposo para que a esposa progrida no conhecimento de si para, assim, chegar ao ápice da salvação.

O caminho do autoconhecimento é duplo: “A alma pode conhecer-se a si mesma sob dois pontos de vista: o que ela é em si mesma, e como se comporta; ou, dito de outro modo, o que é que nela permanece, e o que é que se altera por suas disposições” (ORÍGENES, 2018, II, 5,7). Esta dupla via do autoconhecimento manifesta duas abordagens complementares: uma de ordem ontológica e outra de ordem moral.

Nessa primeira abordagem, encontramos um conjunto de expressões que situam a esposa em sua condição de origem. Ela é chamada “bela desde o início”, dotada de “encanto natural”, de beleza e bondade própria, “não comparável às demais mulheres” (ORÍGENES, 2018, II, 5, 2); diante dela o esposo exclama: “Como tu és graciosa, minha amiga, como és graciosa!” (Ct

1,5). Por isso, ela é, constantemente, animada pelo esposo: “(...) se não reconheceres que a origem da tua beleza vem de seres feita à imagem de Deus, e que por isso há em ti um encanto natural; e só tu és chamada a bela entre elas...” (ORÍGENES, 2018, II, 5,2). Ela recebe do esposo o seu encanto: “(...) ela é chamada amiga e graciosa, sem dúvida porque recebe do próprio esposo o brilho do seu encanto, e dele recebendo a beleza continua bela, mesmo quando sofre a ausência do esposo” (ORÍGENES, 2018, III, 1,3).

De novo, a palavra do esposo é dirigida a ela e diz: ‘Eis que és bela, tu que estás próxima a mim, eis que és bela; teus olhos são pombas’ (Ct 1,15). A esposa, quando diz ao esposo: ‘Eis que és belo, meu amado’ (Ct 1,16), não acrescenta [isto]: ‘Tu que estás próximo a mim’. Aqui, porém, quando é dito a ela: ‘Eis que és bela’, acrescenta-se: ‘Tu que estás próxima a mim’, mas somente: ‘Eis que és belo’? Por que ele não diz somente ‘És bela’, mas também [acrescenta:] ‘És bela, tu que estás próxima a mim’? [Porque] a esposa, quando está longe do esposo, não é bela. Quando se une ao Verbo de Deus, então se torna bela. E justamente agora é ensinada pelo esposo, para que esteja próxima [a ele] e não se afaste de seu lado. ‘Eis que és bela, tu que estás próxima a mim, eis que és bela’ (Ct 1,15) [Diz ela o esposo:] ‘Começas, então, a ser bela do estares próxima a mim. Mas depois que tiveres começado a ser bela, serás absolutamente bela, mesmo sem o acréscimo de ‘estás próxima’. ‘Eis que és bela, tu que estás próxima a mim, eis que és bela’ (Ct 1,15) (ORÍGENES, 2018, II, 4).

Nessas passagens aparece, claramente, o tema da criação à imagem e semelhança de Deus. A Esposa simboliza o crente ou a Igreja que, estando próxima ao Verbo de Deus, seu Esposo, recebe dele graciosidade e beleza. Ela é bela por participação, pois, recebe do Cristo a beleza em plenitude: “A participação do dom da beleza que lhe vem como dom da *beleza fontal*, torna-se, no *perfeito* unido ao Verbo e divinizado por esta união, uma participação, não já do atributo da *beleza*, mas da fonte mesma deste atributo” (MONTEIRO, 2004, p.225). O fundamento dessa beleza está no fato de a Esposa ter sido feita à imagem e semelhança de Deus, conforme presente em vários textos de Orígenes: “...a alma provará que se conhece a si mesma e que contempla a sua beleza, a qual recebeu na criação como imagem de Deus, desde que a restaure e recomponha” (ORÍGENES, 2018, II, 5,15). É possível que a alma recupere aquilo que lhe foi dado no ato da criação: “Pois parece que aquilo que se perdeu

se pode recuperar, mas que não se pode outorgar o que o Criador não concedeu desde o início” (ORÍGENES, 2018, II, 5,26). No Prólogo do Comentário a esposa aparece ferida de amor celeste pelo Verbo de Deus, estando dele enamorada: “Desse amor pelo Verbo foram tomadas a alma, feita à sua imagem, e a Igreja” (ORÍGENES, 2018, Prólogo 1,1). E continua Orígenes (2018, Prólogo 2,17):

A alma é dirigida por um amor e um desejo celestes quando à vista da beleza e da graça do Verbo de Deus amou a sua imagem, e dele lhe veio uma flecha que fez uma ferida de amor. Porque de fato o Verbo é a imagem e esplendor ‘do Deus invisível, o Primogênito de todas as criaturas, no qual foram criadas todas as coisas que estão no céu e na terra, quer as visíveis quer as invisíveis’ (Cl 1,15-16). Por conseguinte, se tivermos inteligência capaz de abranger e de considerar a beleza e a graça de todas as coisas que foram criadas nele, seremos atingidos pelo encanto dessas mesmas coisas; e golpeados pela magnificência do seu esplendor, ou pela ‘flecha penetrante’, como diz o profeta, receberemos dele uma flecha salutar e nos queimaremos no feliz fogo do seu amor.

Nas Homilias sobre o Gênesis, Orígenes comenta as duas narrativas acerca da criação do homem (Gn 1,26-27; 2,7). No primeiro relato lemos que “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou...” (Gn 1,27). A condição de ser criado à imagem de Deus não está referida nem ao céu, nem à terra, nem ao sol, nem à lua, por mais grandiosos que sejam, mas, ao homem (ORÍGENES, 1999, I, 13). Já no segundo relato lemos que “Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2, 7). Para Orígenes, esses relatos não são, simplesmente, duas formas redacionais distintas, escritas por autores e em épocas diversas, mas, correspondem a dois momentos da criação do homem: sendo a primeira criação correspondente à preexistência e a segunda criação ao mundo presente (depois da queda).

No primeiro relato, é dito que o homem foi criado (feito) à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26); já no segundo relato diz-se que foi modelado (plasmado) do limo da terra e tornado um ser vivente pelo sopro de Deus (Gn 2,7). Para sinalizar a diferença entre a primeira e a segunda criação, Orígenes explicita a diferença entre o verbo fazer (ποιεῖν), aplicado para qualquer ação; e o verbo modelar (πλάττειν), usado para designar uma operação sobre a

matéria (o limo da terra, por exemplo). Somente o verbo ποιεῖν é associado ao ser criado à imagem, não πλάττειν: a imagem, portanto, não tem nada de corpóreo (CROUZEL, 1956, p.150). É o que se verifica na interpretação que faz Orígenes desse texto genesíaco (1999, I, 13): “(...) certamente o homem que, segundo a Escritura, foi feito *à imagem de Deus*, não o entendemos como corporal, visto que, a figura do corpo não contém a imagem de Deus, nem acerca do homem corpóreo é dito que foi feito, mas, plasmado.”¹ E prossegue demarcando o que é próprio do homem criado à imagem de Deus, o homem criado “*à imagem de Deus* é nosso homem interior, invisível, incorpóreo, incorruptível e imortal, pois, em tais qualidades vemos a imagem de Deus” (ORÍGENES, 1999, I, 13). Assim, Orígenes busca evitar qualquer tipo de antropomorfismo aplicado a Deus: “Se alguém pensa que aquele que foi feito *à imagem e semelhança de Deus* é o nosso homem corpóreo parece supor que Deus seja corpóreo e tenha forma humana: esse é um conceito ímpio sobre Deus” (ORÍGENES, 1999, I, 13). Conforme elucida Ladaria (2016, p.53):

A escola alexandrina, bastante influenciada por Fílon, viu na alma, e mais concretamente na alma superior, o *noûs*, o que é próprio do homem; a ela se refere, portanto, a criação à imagem de Deus segundo Gênesis 1, 26s. Excluído de tal condição ficaria o corpo humano, modelado por Deus com o pó da terra, segundo Gênesis 2, 7. O homem não é, a rigor, a ‘imagem’, mas foi criado ‘segundo a imagem’, que é o Logos eterno de Deus. O homem, em virtude de sua mente, é racional, e por isso participa do Logos ou razão divina. Assim pensa Clemente de Alexandria. O mesmo afirma Orígenes, para quem o homem criado à imagem e semelhança de Deus é o homem feito de Gênesis 1, 26 que é à imagem de Deus, não o plasmado de Gênesis 2,7; afirmar o contrário equivaleria a considerar Deus um ser corpóreo. Se Deus é invisível, sua imagem, o Logos, também deverá ser invisível. Nesses teólogos alexandrinos, não

¹ Semelhante formulação já encontramos em Fílon de Alexandria: “Depois de todas as outras coisas, como se disse, Moisés diz que o homem foi criado *à imagem e semelhança de Deus* (Gn 1,26). E isso é muito bem dito, porque nada do que foi criado é mais semelhante a Deus que o homem. Mas ninguém imagine essa semelhança referindo-se a alguma característica do corpo: de fato, nem Deus tem forma humana, nem o corpo humano tem forma divina. A palavra *imagem* é aqui referida ao *intelecto* (vous) que é o guia da alma (ψυχή). De fato, o intelecto que existe em cada homem em particular foi feito à imagem daquele único Intelecto universal como de acordo com um arquétipo, e de certo modo é como um Deus para quem o leva em si e em si o encerra como simulacro divino” (In *De opificio mundi* 69 Apud REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga: as escolas da era imperial*. p.258).

falta, como vemos, uma referência cristológica em relação ao tema da imagem. A criação do homem à imagem e semelhança divinas só pode ser compreendida a partir do Filho, imagem de Deus. Contudo, aqui não se trata do Filho encarnado, mas do Logos eterno.

Na segunda homilia sobre o Gênesis, Orígenes reflete a partir da expressão: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou...” (Gn 1,27). Há de se perguntar, pondera nosso autor, acerca dessa “imagem de Deus” segundo à qual o homem foi criado. Essa imagem, responde Orígenes partindo dos textos da Escritura, é o nosso Salvador, o “primogênito de toda criatura” (Cl 1,15); “o esplendor da luz eterna e figura tangível da substância de Deus” (Hb 1,3), cuja comunhão é manifesta por Jesus ao dizer: “Eu estou no Pai e o Pai está em mim e aquele que me viu, viu também o Pai” (Jo 14,9), prossegue Orígenes (1999, I, 13):

Pois, do mesmo modo que, quem vê a imagem de alguém, vê aquele do qual é imagem, assim também, mediante o Verbo de Deus, que é a imagem de Deus, vemos a Deus. Assim, se realizará aquilo que disse: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Dessa maneira, o homem foi feito à semelhança desta imagem e, por isso, nosso Salvador, que é a imagem de Deus, movido por compaixão pelo homem, que havia sido feito [criado] à sua semelhança, vendo que, estando sua imagem degradada [no homem], tendo ele se revestido da imagem do maligno, ele [o Salvador] tomou, impulsionado pela misericórdia, a imagem do homem e veio até ele, como testemunha o Apóstolo quando diz: ‘Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem’ (Fl 2, 6-7).

A semelhança está posta no horizonte da assimilação ao Verbo, Imagem do Pai e Modelo da criação. Cada qual, segundo suas forças, e, mediante o progresso espiritual, é chamado à renovação do homem interior (2Cor 4,16) para que, assim, possa conformar-se ao corpo glorioso do Senhor (Fl 3,21). Para Orígenes, essa renovação pode acontecer *neste mundo*, pois, o Senhor, percebendo que seus discípulos haviam se transformado de tal modo à sua semelhança, disse: “Vou ao meu Pai e ao vosso Pai, ao meu Deus e ao vosso Deus” (Jo 17,21). A comunhão entre Jesus e o Pai é aberta aos discípulos: “Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós” (Jo 17,21).

À medida que os discípulos se tornam semelhantes ao Filho Unigênito, na ordem do amor e do conhecimento, eles passam a participar da vida divina. Essa transformação é dada pela contemplação do Verbo de Deus, Modelo da criação, requerida aos que desejam progredir no conhecimento de Deus: “Contemplemos, portanto, sempre esta imagem de Deus para que possamos ser transformados segundo a sua semelhança” (ORÍGENES, 1999, I, 13).

O crescimento ou não na vida espiritual depende, sobretudo, do assentimento humano. É nesse sentido que Orígenes, contrapondo-se ao determinismo gnóstico, acentua a racionalidade dos seres criados segundo o Logos. Em cada criatura há algo do Logos de Deus. A criação desses seres racionais, incluindo o ser humano, é pensada em Orígenes a partir da hipótese da preexistência. Na preexistência a categoria de tempo, em sentido cronológico, inexistente. Há um “tempo” ontológico no qual as criaturas, por amor e por deliberação divina, receberam de Deus o ser (foram criadas). Enquanto criaturas racionais, elas podem crescer ou decrescer no amor e no conhecimento de Deus. Nosso autor, usa os verbos aquecer, inflamar, reacender para indicar o estado de contemplação das criaturas relativo a Deus; já o verbo esfriar é indicativo do arrefecimento padecido na criatura na ordem do amor e do conhecimento de Deus (ORÍGENES, 2012, II, 8, 3). Os seres que se afastaram mais drasticamente do estado de beatitude não perderam a imagem de Deus, nem a possibilidade de atualizar os atributos divinos, que lhes foram doados no ato da criação.

Contrapondo-se ao Verbo, Imagem do Pai e Modelo da criação, Orígenes fala da “imagem do diabo” (ORÍGENES, 1999, I, 13). Com essa expressão, nosso autor não pretende afirmar a existência de dois princípios da criação, mas, indicar o movimento contrário daqueles que, por livre deliberação, se afastaram do Criador, do verdadeiro Pai, para trilhar as vias do anjo decaído (diabo) (ORÍGENES, 2012, I, 5, 5). A imagem do diabo, assumida pelas criaturas decaídas, não tem o peso ontológico da verdadeira Imagem impressa pelo criador, como selo indelével, nos seus filhos. A “imagem do diabo” é *contra natura*, pois não corresponde à finalidade (teleologia) dos seres criados que é a comunhão com Deus. Por não ter um peso ontológico, embora às vezes ela

possa constituir-se como uma *segunda natureza*, no pecador a verdadeira Imagem permanece empoeirada, entorpecida, obscurecida, o que não significa que permanecerá em definitivo nesse estado.

Com efeito, se o homem, feito à imagem de Deus, olhando - contra sua própria natureza - a imagem do diabo, se torna pelo pecado semelhante a ele, quanto mais, fixando seus olhos na imagem de Deus, a semelhança da qual foi feito, mediante o Verbo e seu poder, receberá aquela forma [dele] que lhe fora doada por natureza. E ninguém, vendo que tem maior semelhança com o diabo que com Deus, se desespera de poder, novamente, recuperar a forma da imagem de Deus, porque o Salvador não veio *chamar os justos à penitência, mas, os pecadores* (Lc 5,32). Mateus era publicano e, certamente, a sua imagem se assemelhava ao diabo, mas, vindo à imagem de Deus, nosso Senhor e Salvador, e seguindo-a, transformou-se à semelhança da imagem divina (...) Paulo era perseguidor da imagem mesma de Deus, mas, pôde contemplar sua beleza e esplendor, e, depois de tê-la visto, se transformou de tal maneira à sua semelhança que dizia: *Pois procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim* (2Cor 13,3) (ORÍGENES, 1999, I, 13).

A interpretação origeneana da criação segundo a imagem e semelhança de Deus é dinâmica. O mestre Alexandrino, influenciado pelo helenismo, usa a expressão filosófica o *semelhante atrai o semelhante* (*simile a simili*) para indicar que entre Deus e as criaturas há uma afinidade, um parentesco. Afirma Orígenes (2012, I, 1, 7): “(...) um certo parentesco que existe entre a inteligência e Deus, de quem a própria inteligência é uma imagem intelectual, e que por essa razão pode captar algo da natureza divina, sobretudo se for purificada e separada da matéria corporal”. No Tratado sobre os Princípios lê-se:

Toda criatura racional procura diligentemente o Bem supremo, fim de todas as coisas, o que foi expresso por numerosos filósofos nestes termos: o Bem supremo consiste em tonar-se, na medida do possível, semelhante a Deus (...) De fato, foi Moisés quem antes de todos os outros o indicou quando narra a primeira criação do homem: ‘Disse Deus: façamos o homem à nossa imagem e semelhança’, e logo acrescenta: ‘E Deus fez o homem, à imagem de Deus o fez, macho e fêmea os fez, e os abençoou’ (Gn 1,26-27). Quando ele diz: ‘à imagem de Deus o fez’, ele se cala sobre a semelhança; isso só pode significar que o homem recebeu a dignidade da imagem na sua primeira criação, mas que a perfeição da semelhança lhe está reservada para a consumação. Quer isso dizer que ele devia procurá-la

para si mesmo, imitando Deus com o esforço da sua atividade própria. A possibilidade dessa perfeição, que lhe fora dada no início pela excelência da imagem, devia no final realizá-la ele mesmo na perfeita semelhança ao cumprir suas obras (...). Parece aqui que a semelhança será por assim dizer progressiva, e que, de semelhante, se fará um, porque, sem dúvida, na consumação ou no fim, Deus será tudo em todos (ORÍGENES, 2012, III, 6, 1).

Essa participação, no entanto, não implica uma mudança de substância na criatura, pois participar da vida divina é puro dom do Criador. Por exemplo, ao falar da bondade desses seres racionais, Orígenes parte do princípio de que somente da Trindade é correto falar da bondade de modo substancial: “Só nessa Trindade, autora de todas as coisas, está a bondade de modo substancial. Todos os outros seres têm uma bondade accidental e que pode decair, portanto, estão na bem-aventurança quando participam da santidade, da sabedoria e da própria divindade” (ORÍGENES, 2012, I, 6, 2). A restauração progressiva da imagem de Deus presente no ser humano leva-o à atualização de suas potencialidades. Essa atualização na vida cristã alcança seu ápice quando o crente experiencia em sua vida o amor de Deus. Na criatura, o amor é um impulso para o Amor, a quem se assemelha: “E porque Deus é amor e o Filho que, procede de Deus, também é amor, ele exige que haja em nós alguma coisa que lhe seja semelhante, e por esse amor que está em Cristo Jesus nós sejamos unidos a Deus que é amor por uma espécie de parentesco pelo amor...” (ORÍGENES, 2018, Prólogo 2, 29).

A vida no Espírito: o Espírito Santo e o espírito do homem

Ao recolhermos alguns textos de Orígenes, é possível fazer a distinção, já presente em Paulo, entre o Espírito Santo e o espírito do homem.² As principais afirmações de nosso autor sobre o Espírito Santo são oriundas da Regra de Fé, conjunto de ensinamentos atribuído aos apóstolos e conservado pela “Grande Igreja”. É preciso observar que a reflexão sobre o Espírito Santo

² Vários são os textos paulinos onde a temática do Espírito Santo e o espírito, enquanto constitutivo do homem, aparece: “O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus” (Rm 8, 16); “Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém conhece senão o Espírito de Deus” (1Cor 2, 11).

se torna relevante a partir da segunda metade do século IV.³ Em continuidade com a pregação apostólica Orígenes afirma que o “Espírito Santo está associado ao Pai e ao Filho em honra e em dignidade” (ORÍGENES, 2012, Prefácio 4). Porém, ele reconhece ser necessária uma reflexão mais aprofundada sobre a natureza do Espírito Santo. Essa investigação parte da confissão em Deus (Pai) não gerado, criador e mantenedor do universo, e do reconhecimento de seu Filho, Logos e Sabedoria, por meio do qual todas as coisas foram criadas e recebem a existência (ORÍGENES, 2012, I, 3, 1). Ao comentar o texto sapiencial em que é dito que a Sabedoria é o reflexo da luz eterna, o espelho nítido da atividade de Deus e a imagem da sua bondade (Cf. Sb 7, 26), Orígenes observa (2012, I, 2, 13): “O Pai é, sem nenhuma dúvida, a primeira bondade; dela nasceu o Filho, que é, em todas as coisas, a imagem do Pai; portanto, é adequadamente que o chamamos imagem da bondade. Não há, de fato, no Filho outra bondade a não ser a que está no Pai.”

Mais adiante, para evitar uma interpretação equivocada da passagem em que Jesus afirma que somente o Pai é bom (Cf. Mc 10,18), e que poderia induzir à negação da bondade do Filho e do Espírito Santo, Orígenes reitera: “mas, tal como dissemos antes, é preciso atribuir ao Pai a bondade originante, da qual o Filho é nascido e o Espírito Santo procede, reproduzindo certamente em suas naturezas a bondade dele, que é a fonte de onde o Filho nasce e o Espírito Santo procede” (ORÍGENES, 2012, I, 2, 13). Em outras passagens, Orígenes afirma claramente que o Espírito Santo é “um ser substancial”: “(...) porque o Espírito Santo é uma substância intelectual, e que subsiste e existe

³ Conforme observa Danilo Mondoni: “Até a segunda metade do século IV nenhuma discussão conseguiu impulsionar os teólogos à reflexão sobre o Espírito Santo. Os autores precedentes a esse período frequentemente fazem menção ao Espírito Santo, mas tendem a falar dele em termos vagos, sem aprofundamento. Com certa frequência é identificável o uso de espírito para indicar de modo específico a divindade de Cristo contraposta à natureza divina (como implicação imediata do conceito de que a natureza de Deus seja espírito), mas em outras circunstâncias com esse termo se indica o Cristo preexistente como pessoa, a ponto de se chegar a uma explícita identificação do Espírito Santo com o Cristo preexistente. Essa concepção - indicada comumente pelos estudiosos como *Geistchristologie* ou cristologia pneumática - era inicialmente comum na teologia oriental e na ocidental. Em seguida permaneceu como abordagem arcaica somente no mundo latino. Essa diferenciação se deve provavelmente à influência do pensamento de Orígenes sobre a teologia grega; ele não acolheu esse esquema e valorizou a distinção das hipóstases, contribuindo com a ilustração da distinção entre o Cristo preexistente - para o qual se começou a usar o termo *Logos*, isto é, Verbo - e o Espírito Santo”. (MONDONI, 2014, p. 148-149).

por si mesmo” (ORÍGENES, 2012, I, 1, 3);⁴ mas, o conhecimento do Espírito Santo e de sua natureza é de difícil acesso: “Quanto ao ser substancial que é o Espírito Santo, ninguém pode ter dele a menor noção, a não ser aqueles que conhecem a Lei e os Profetas, ou que professam a fé em Cristo” (ORÍGENES, 2012, I, 3, 1).

É neste sentido que Orígenes percorre as principais passagens da Sagrada Escritura, em especial do Novo Testamento, no qual o Espírito Santo é mencionado: o anjo anuncia a Maria que o Espírito Santo virá sobre ela (Cf. Lc 1,35); no batismo, o Espírito Santo desce sobre o Cristo (Cf. Mt 3,16); o Salvador, após a ressurreição, sopra sobre os apóstolos dizendo: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 22, 22); Paulo ensina: “Ninguém pode dizer Jesus Cristo se não for pelo Espírito Santo” (1Cor 12,3); nos Atos dos Apóstolos, pela imposição das mãos dos apóstolos, o Espírito Santo era recebido (Cf. At 8,17). Essas afirmações da Escritura testificam a autoridade e a dignidade do Espírito Santo junto ao Pai e ao Filho.

Tudo isso nos ensina a grande autoridade e dignidade que tem o Espírito Santo enquanto ser substancial, de tal modo que o batismo da salvação não pode ser realizado a não ser pela altíssima autoridade da Trindade, isto é, pela invocação do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; e assim ao Pai não gerado e ao seu Filho se associa o nome do Espírito Santo. Não é de se espantar de quanta seja a majestade do Espírito Santo, quando se vê que ‘aquele que fala mal do Filho do Homem poderá esperar perdão, mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não terá perdão nem nesse mundo nem no outro’ (Mt 12, 32)? (ORÍGENES, 2012, I, 3, 2).

O Espírito Santo compartilha plenamente do conhecimento do Pai e do Filho. Da mesma forma que é dito que “ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aquele a quem o Filho o revelou” (Mt 11,27; Lc 10,22), de igual modo, São Paulo fala do Espírito nestes termos: “Deus se revelou a nós pelo seu Espírito: porque o espírito tudo penetra, mesmo as profundezas de Deus” (1Cor 2,10). O Filho e o Espírito Santo, reveladores do Pai, são figurados nos dois seres vivos

⁴ Conforme observa Henri Crouzel: “(...) o Espírito Santo é tratado de *subsistência*, expressão que, no latim de Rufino, designa uma substância individual (...) Como Orígenes não conta com outros termos senão *hypostasis* e *ousia* para designar a pessoa, a personalidade do Espírito Santo está nitidamente afirmada, ao menos através de Rufino, pela expressão *subsistentia intellectualis*”. (CROUZEL, 1998, p. 280).

que aparecem no Cântico de Habacuc (3,2): “No meio dos dois vivos, ou de duas vidas, serás conhecido”, cuja interpretação é dada por Orígenes (2012, I, 3, 4): “Todo o conhecimento sobre o Pai pela revelação do Filho é conhecido no Espírito Santo, de tal modo que um e outro, chamados pelo profeta vivos ou vidas, são os fundamentos da ciência a respeito de Deus Pai.” No Evangelho segundo São João, “o Salvador mencionando as doutrinas divinas mais profundas, que seus discípulos ainda não podiam entender” (ORÍGENES, 2012, I, 3, 4), declara: “‘Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos guiará na verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras’ (Jo16, 12-13). É necessário, portanto, ‘pensar que, assim como o Filho que só conhece o Pai, e o revela a quem quer, assim o Espírito Santo, que só ele penetra as alturas de Deus, revela Deus a quem quer’” (ORÍGENES, 2012, I, 3, 4). A Trindade dá-se a conhecer às criaturas por pura gratuidade.

Orígenes considera imprescindível o conhecimento *deste mundo* no avanço do caminho espiritual. A Sagrada Escritura é, por exemplo, um caminho de ascensão. Sendo inspirada pelo Espírito Santo, ela conduz o crente, já avançado na busca de Deus, aos mistérios nela contidos. A partir de outros textos de Orígenes, é possível salientar que o Espírito Santo tem uma função de destaque no progresso espiritual. Assim considera nosso autor (2012, I, 3, 5):

Parece correto investigar quais são as causas pelas quais quem é regenerado por Deus para a sua salvação precisa do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, não podendo ser salvo senão por toda a Trindade, e por que não se pode participar do Pai ou do Filho sem o Espírito Santo. Discutindo tais coisas, sem dúvida seria preciso atribuir uma ação especial ao Espírito Santo, e também especial ao Pai e ao Filho. Penso, pois, que a ação do Pai e do Filho se exerce sobre homens racionais e sobre os animais mudos, e mesmo sobre aqueles que não têm alma, absolutamente sobre tudo o que existe. A ação do Espírito Santo não se estende de nenhum modo sobre os que não têm alma, nem sobre aqueles que, tendo alma, são mudos; nem sequer se encontra naqueles que, sendo racionais, estão do lado do mal e de nenhum modo se voltam para as coisas melhores. Julgo que a ação do Espírito Santo só se exerce sobre aqueles que se voltam para o bem e caminham nas vias de Jesus Cristo, isto é, aqueles que agem no bem e permanecem em Deus.

Provavelmente essa *regeneração* da qual fala Orígenes refere-se ao batismo que é conferido, já em seu tempo, com a fórmula trinitária: Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. O verbo regenerar assume uma importância, pois é indicativo da condição criatural ferida pelo pecado, porém não abandonada por Deus. É ilustrativo o comentário que faz Orígenes à parábola do bom samaritano: “(...) o nosso Salvador se fez próximo de nós, porque ‘não passou de lado quando estávamos caídos e quase mortos devido às feridas que nos fizeram os assaltantes’” (ORÍGENES, 2018, Prólogo 2,31). Orígenes recolhe vários textos da Escritura que atestam essa renovação (regeneração) como ação do Espírito Santo: “Tu lhes tirarás teu Espírito, e eles se enfraquecerão e retornarão à sua terra. Enviarás a eles o teu Espírito e serão criados e renovarás a face da terra” (Sl 103, 29-30). Esse texto se aplica ao Espírito Santo “a fim de que , quando são retirados e destruídos os pecadores e os indignos, ele mesmo crie um novo povo e renove a face da terra, quando com a graça do Espírito, eles, deixando o homem velho e suas ações, se conduzam daí em diante segundo uma vida nova” (ORÍGENES, 2012, I, 3, 7).⁵ Por isso, continua Orígenes (ORÍGENES, 2012, I, 3, 7): “o Espírito Santo habita não nos que são carnaís, mas naqueles com os quais a terra foi renovada (...) dessa maneira, a ação do poder de Deus, Pai e Filho, se estende sem distinção a toda criatura, mas achamos que só os santos possuem a participação no Espírito Santo”.

Orígenes, porém, chama a atenção para o erro de colocar o Espírito Santo acima do Pai ou do Filho: “Mais ainda: na Trindade não se pode falar de maior ou menor, pois que uma única fonte de divindade mantém o universo

⁵ Alguns textos de Orígenes dão a entender que somente quem foi renovado (regenerado), fosse feito homem novo, era digno de participar da vida do Espírito: “O Espírito Santo era, por essa razão, transmitido pela imposição das mãos dos apóstolos, depois da graça e da renovação trazidos pelo batismo (At 8,18; Tt 3,5). O próprio Salvador - depois da ressurreição, quando as antigas realidades já tinham passado e que tudo tinha sido feito novo (2Cor 5,17), porque ele mesmo era o homem novo (Ef 2,15) e o primeiro a renascer dos mortos (Cl 1,18) - disse aos seus apóstolos, igualmente renovados pela fé na ressurreição: ‘Recebei o Espírito Santo’ (Jo 20,22). É certamente o que nosso Senhor e Salvador indicava no Evangelho quando repudiava que o vinho novo fosse posto em odres velhos, mas ordenava que esses odres se fizessem novos (Mt 9,17), isto é, quando prescrevia aos homens uma conduta conforme essa vida nova (Rm 6,4), para que pudessem receber o vinho novo, quer dizer, a novidade da graça do Espírito Santo” (ORÍGENES, 2012, I, 3, 7).

pela Palavra e Razão, e santifica pelo Espírito da sua boca tudo o que é digno de santificação” (ORÍGENES, 2012, I, 3, 7). São Paulo escreve na Carta aos Coríntios que “há diferentes dons, mas o Espírito é o mesmo; há distinções nas ações, mas é um mesmo o Deus que faz todas as coisas em todos. A cada um é dado manifestar o Espírito conforme é conveniente” (1Cor 12,4-7). Desse modo, explica o Apóstolo que na “Trindade não há nenhuma separação, mas que o que é chamado dom do Espírito vem do ministério do Filho e é operado por Deus Pai: ‘É tudo obra de um só e mesmo Espírito, repartindo a cada um conforme quer’” (1Cor 12, 11) (ORÍGENES, 2012, I, 3, 7). De modo lapidar, afirma o mestre Alexandrino (2012, I, 4, 2)): “A Trindade é a fonte da santidade.” A ação da Trindade na vida do crente respeita o progresso de cada um:

Desse modo, a ação contínua do Pai, do Filho e do Espírito Santo sobre nós é exercida em cada um dos graus de progresso, apenas alcançando, eventualmente, uma intuição da vida santa e feliz; nela, se lá chegarmos após muitas lutas, deveremos permanecer sem nunca ser saciados por esse bem, mas, quanto mais dessa felicidade recebermos, mais o desejo de a possuir se ampliará e aumentará em nós ao captarmos e alcançar cada vez com maior ardor o Pai, o Filho e o Espírito Santo (ORÍGENES, 2012, I, 3, 8).

O Espírito Santo é também chamado Paráclito, pois é fonte de alegria e consolação às almas que se abriram ao conhecimento espiritual:

O Paráclito, que se diz do Espírito Santo, vem do termo ‘consolação’, de fato, quem mereceu participar do Espírito Santo pelo conhecimento dos mistérios inefáveis recebe sem dúvida consolação e alegria no coração. E então, quando estiver conhecido, por revelação do Espírito Santo, as causas de tudo o que é feito, a sua alma jamais poderá ser perturbada nem receber sentimento de tristeza; nada mais o assustará, quando aderir à Palavra de Deus e à Sabedoria, e confessar o Senhor Jesus por inspiração do Espírito Santo (...) aplicado ao Espírito Santo, *paráclito*, deve significar *consolador*, porque ele consola as almas às quais abre e revela o sentido do conhecimento espiritual (ORÍGENES, 2012, II, 7, 4).

Ao considerar o espírito, enquanto composto humano, Orígenes o diferencia do Espírito Santo e, também da alma. Neste sentido, ele recolhe algumas passagens do Evangelho nas quais é notável essa distinção, “pode-se observar que, quando o Evangelho fala da alma do Salvador, as coisas que lhe atribui como alma e as que lhe atribui como espírito não são as mesmas”

(ORÍGENES, 2012, II, 8, 4). As principais passagens reportadas por Orígenes são: “A minha alma agora está perturbada” (Jo 12,27); “A minha alma está triste até a morte” (Mt 26,38); o que se verifica que as emoções se dão na alma e não no espírito. No momento da morte, o Salvador entregou nas mãos do Pai o espírito, não a alma (ORÍGENES, 2012, II, 8, 4). Ao comentar a passagem lucana sobre o servo imprudente que será “partido ao meio” sendo-lhe imposta a sorte dos infiéis (Lc 12, 46), nosso autor interpreta a expressão “partido ao meio” como a separação do espírito e da alma.

Se por esse espírito se deve entender como sendo de natureza divina, isto é, o Espírito Santo, pensaremos que isso se diz do dom do Espírito Santo, quer tenha sido dado pelo batismo, quer pela graça do Espírito Santo; quando alguém recebeu o dom da palavra de sabedoria, ou da palavra do conhecimento ou de qualquer outro dom, se ele não foi bem administrado, se foi enterrado no chão, ou envolvido num pano, certamente o dom do Espírito é separado da alma (ORÍGENES, 2012, II, 10, 7).

É importante notar que o espírito, elemento divino presente no homem, não o abandona neste mundo, mesmo quando este peca. Mas, nele permanece em estado de atonia ou de dormência indicando a possibilidade de conversão.

⁶ O espírito, enquanto elemento divino presente no homem, não faz parte, propriamente, de sua personalidade, já que não é afetado pelos movimentos da alma. Mesmo sendo distinto do Espírito Santo, o espírito do homem, criado por Deus, participa diretamente do Espírito Santo e de seus dons.

Com efeito, o poder do homem não é algo que ele recebe de si mesmo, que ele possui como próprio. É o poder de Deus, a força de seu Espírito, que confere poder ao homem. Se as outras noções de corpo ou carne, ou de vida, são diretamente antropológicas, o mesmo não se dá com a noção de ‘espírito’. Antes de tudo e originariamente, trata-se de uma noção teológica. O Espírito é divino, exprime o poder de Deus que sempre dispõe. No Novo Testamento, o Espírito Santo revela-se como inseparavelmente unido ao Pai e ao Filho na realização da obra salvífica. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, sobretudo em Paulo, nem sempre é fácil distinguir o significado

⁶ A propósito observa Alina Monteiro: “Se Orígenes afirma que o Espírito Santo está ausente do pecador, não significa que o espírito não esteja dado ao ser de qualquer natureza racional. O pecador vive pelo corpo, é um ser vivente mesmo quando peca, mas está morto em sua alma que só pode receber a verdadeira vida pela mediação do seu espírito. Orígenes dá a entender que, pelo pecado, retirando-se o Espírito, o espírito humano permanece no horizonte da possibilidade ou, atingido pelo ‘esfriamento’”. (MONTEIRO, 2004, p. 103).

do termo ‘espírito’, se se refere ao Espírito divino ou ao homem que se encontra sob sua influência. E justamente nisso aparece a riqueza da noção, que, enquanto conceito antropológico, é a ‘faculdade do divino’ (LADARIA, 2016, p.66).

No Comentário ao Cântico dos Cânticos, a esposa, tendo sido tocada no seu espírito pelo Espírito Santo, canta o cântico de Amor: “Esse texto da Escritura (o Cântico dos Cânticos) fala, portanto, do amor no qual a alma arde e se inflama pelo Verbo de Deus; o Espírito canta esse poema epitalâmico (...) ela se inflama apenas no amor do Verbo de Deus” (ORÍGENES, 2018, Prólogo 2,46). A esposa, estando abrasada pelo desejo do esposo e inquieta por causa da ferida íntima de amor, eleva suplicante sua oração ao Pai do Esposo pedindo-lhe, que tenha misericórdia de seu amor e lhe envie, sem demoras, o seu Filho, para “que ele me beije com os beijos da sua boca” (Ct 1,2), diz a esposa em ânsias de amor (ORÍGENES, 2018, I, 1, 4). Ela já não deseja que lhe sejam enviados os mensageiros do Filho, anjos e profetas, os quais cheios do Espírito Santo, “pregaram suas inúmeras virtudes e grandes maravilhas. Descreveram também sua beleza, seu aspecto e seu encanto, de tal maneira que, por tudo isso, eu estava ardendo de amor de modo insofrível” (ORÍGENES, 2018, I, 1, 16), mas, deseja a presença do Esposo. A imagem da ardência, da flecha escolhida, do fogo, assim como o uso que faz Orígenes dos verbos inflamar, reacender, reativar, indicam a ação do Espírito Santo no espírito da esposa perfeita, ou, no espírito do homem que almeja participar da vida divina.

É nesta perspectiva que Orígenes comenta a passagem em que Jacó, tendo a plena certeza de que seu filho José estava vivo, tem o “espírito reanimado” (Gn 45, 27). Rufino, tradutor latino dos textos de Orígenes, chama a atenção para a expressão “*resuscitatus est spiritus*” que, às vezes, se traduz como: “o espírito reanimou”, ou, “o espírito reviveu”, sendo que “a expressão latina ‘o espírito reviveu’ em grego se escreve ἀνεζωπύρηνσεν significando não tanto ressuscitar, mas, sim ‘reavivar’ ou ‘reinflamar’” (ORÍGENES, 1999, XV, 2). Orígenes dá exemplos: quando numa matéria combustível o fogo está quase para apagar-se, basta atizá-la para que o fogo seja *reacendido*; ou, então, se a luz de uma lâmpada que, está ao ponto de apagar-se, é reanimada pelo azeite nela posto, pode-se dizer que ela foi *reacendida*. Em Jacó ocorreu algo similar:

enquanto estava longe de José e, até o momento em que lhe anunciaram que o filho estava vivo, parecia que seu espírito houvesse desfalecido e a luz que nele havia houvesse obscurecido por falta de combustível (ORÍGENES,1999, XV,2). “Mas, quando anunciaram a Jacó que José estava vivo, ou seja, que *a vida era a luz dos homens* (Jo 1,4), seu espírito se reacendeu, restabelecendo em seu interior o fulgor da luz verdadeira” (ORÍGENES,1999, XV,2).⁷ Embora, parte do espírito de Jacó tenha sido tomado por densa escuridão, o que se verifica no medo de ser enganado pelos filhos, no rasgar as próprias vestes, no choro inconsolável, no desejar a própria morte e no querer, por causa de tamanha dor, descer ao inferno;⁸ uma fagulha de luz cintilava em seu espírito. No reencontro com o filho José, diante da verdade, o espírito de Jacó é *reacendido* (ORÍGENES,1999, XV,3). Evidentemente, Jacó é uma tipologia de quem tendo recebido os dons do Espírito e da graça, permitiram que o fogo divino se apagasse, por isso, exorta o Apóstolo: “Não extingais o Espírito” (1Ts 5,19). O espírito humano ao abrir-se à ação do Espírito Santo abre-se à experiência do amor, pois o Espírito Santo é chamado Amor (ORÍGENES,2018, Prólogo 2,48).

Seja quem for que, em algum lugar, alguma vez ardeu de amor pelo Verbo de Deus, e se existe alguém, como diz o profeta, que recebeu a ferida doce da flecha escolhida por ele, se há alguém que tenha sido atingido pelo dardo amoroso da ciência, de tal maneira que suspira de desejo por ele, de dia e de noite, ao ponto de não ser capaz de escutar outra coisa, de não poder pensar em outra coisa, não ter prazer nem em desejar nem em esperar outra coisa, esta alma com razão diz: ‘Estou ferida de amor’ (Ct 2,5), e essa é a ferida da qual fala Isaías: ‘Fez de mim uma flecha escolhida e escondeu-me na sua aljava’ (Is 49,2). Que Deus atinja as almas com essa ferida, as traspasse com tais flechas e dardos, as fira com feridas salutares, porque Deus é amor, e para que elas possam também dizer: ‘Estou ferida de amor’ (ORÍGENES, 2018, III, 8, 13-14).

⁷ Nessa passagem temos uma interpretação tipológica de José, figura de Cristo, *vida e luz dos homens*.

⁸ Esse relato se encontra em Gn 37, 31-35. Trata-se da cena em que os irmãos de José enganam o pai Jacó dizendo que José, seu primogênito, fora devorado por um animal feroz. O termo inferno, neste contexto, não indica um lugar de condenação eterna, mas, o Xeol, a morada dos mortos.

Em outra passagem do Cântico é o esposo que se dirige à esposa de um modo tão amável e terno: “Levanta-te, vem, tu que estás próxima a mim, minha bela, minha pomba, porque o inverno já passou, a chuva parou e foi embora; as flores apareceram na terra, chegou a época da poda, e, na nossa terra, ouve-se o canto da rola; a figueira produziu seus brotos, as videiras deram o seu perfume” (Ct 2,10-13).⁹ Ao comentar esse verso do Cântico, Orígenes coloca-nos nos umbrais da escatologia, no tempo da realização das promessas. Nesta etapa do conhecimento místico a Esposa já está próxima ao Esposo, e seu espírito une-se ao dele; tem sua imagem renovada, por isso, é chamada “bela”; e, estando apta para receber o Espírito Santo é chamada “minha pomba” (ORÍGENES, 2018, IV, 1, 3).

A primeira imagem do Espírito Santo que aparece nesse versículo é a pomba. A alma, tendo concebido amor pelo Verbo de Deus e desejosa de chegar a ele num voo rápido, diz: “Quem me dará asas como a pomba, para voar, e descansar” (Sl 55,7). “Voarei com os sentidos espirituais, voarei com as representações espirituais, e quando tiver compreendido ‘os tesouros da sua sabedoria e da sua ciência, então descansarei” (ORÍGENES, 2018, IV, 1, 4) Mais adiante, nosso autor sugere que, assim como há uma imitação de Cristo pela “mortificação dos membros corporais” (Rm 6,5), assim, também, há uma imitação do Espírito Santo naqueles que acolhem o seu poder, por ele são santificados e ficam cheios dos seus dons; “pois ele mesmo apareceu sob a forma de pomba, e eles também serão feitos como pombas, de tal modo que voarão dos lugares terrenos e corporais para as realidades celestiais, levados pelas asas do Espírito Santo”. (ORÍGENES, 2018, IV, 1, 5). Nas Homilias ao Cântico, a alma é convidada a entrar no interior do seu coração e buscar com a mente outros olhos (espirituais), que são iluminados pelo mandamento de Deus, pois dele se diz que “é límpido e ilumina os olhos” (Sl19,9): “esforça-te,

⁹ Numa interpretação moderna do Cântico dos Cânticos, que não exclui a interpretação origeniana, mas, fornece outra leitura do texto, lemos acerca desse versículo: “Partindo do mundo em que vive, o cantor do Cântico traçou, pois, um paralelo comovente na sua simplicidade, todo centrado no rosto e na voz, na luz e no som, nos olhos e nos ouvidos. A esposa é a pomba escondida no ninho secreto e inatingível; o esposo suplica-lhe que lhe revele o rosto e lhe faça ouvir sua voz. Só com isso o esposo fica satisfeito, pois esta é sua única expectativa, seu único desejo. A imagem é, pois, uma proposta de intimidade que elimina separações e segredos”. (RAVASI, 1988, p. 74).

trabalha, empenha-te para que compreendas santamente tudo aquilo que foi dito, e assemelha-te ao Espírito, que desceu sob forma de pomba, e ouvirás: ‘Teus olhos são pombas’” (ORÍGENES, 2018, 2, 4).¹⁰ Por essa linguagem simbólica, evidencia-se a relação de comunhão entre o Espírito Santo e o espírito do homem (e ele todo inteiro).

A dimensão ‘espiritual’ do homem que conhecemos não vem só da alma como realidade ontológica, mas também do chamado, no Espírito do Deus, do espírito à comunhão com Ele. Com efeito, a dimensão dialogal, a comunhão com Deus, é essencial à visão cristã da transcendência do homem em relação a este mundo. Não se trata de uma simples transcendência do homem enquanto alma em relação a este mundo, mas da comunhão com Deus, do ‘estar com Cristo, do ver a Deus face a face (LADARIA, 2016, 2,4).

Tendo passado o inverno “a figueira produziu seus brotos” (Ct 2,13). Passado o inverno, símbolo da dormência do espírito ou das perturbações que assolavam a alma, a primavera desponta com toda exuberância e vigor. É o tempo de levantar-se, de contemplar as flores que brotam da terra, de ouvir o canto da rola em entusiasmo primaveril,¹¹ de admirar os brotos da figueira despontados por uma força nela escondida, de apreciar o odor das videiras em floração. As estações do ano, com suas particularidades, são metáforas da vida espiritual. Santo Efrém Sírio, partindo da tradução siríaca do texto de Gênesis 1,2: “o Espírito do Senhor *aquecia chocando as águas*”, sublinha que é

¹⁰ Em outra parte do mesmo texto lemos: “A pomba é o Espírito Santo. Mas quando o Espírito Santo fala de grandes e ocultos mistérios, e que muitos não podem compreender, é designado com o nome de rola, isto é, daquela ave que habita sempre no cume dos montes e nos topos das árvores. Mas nos vales e naquilo que está ao alcance dos homens é adotada [por ele a figura de] pomba. Assim, o Salvador, porque se dignou assumir um [corpo de] homem e veio à terra, e muitos eram então os pecadores junto ao Jordão, o Espírito Santo, por isso, não se mudou numa rola, mas se tornou pomba e, por causa da multidão de homens, permanece entre nós ave mais mansa. Mas aparece como rola, por exemplo, para Moisés e para algum - entende qualquer um - dos profetas que se retiram nos montes e nos desertos e aí recebem as palavras de Deus. Então, ‘a voz da pomba foi ouvida em nossa terra; a figueira produziu seus figos verdes’” (Ct 2,12-13). (ORÍGENES, 2018, 2, 12).

¹¹ “Então ela ‘escutará o canto da rola’ (Ct 2,12), sem dúvida o canto daquela sabedoria da qual fala entre os perfeitos o administrador da palavra: a sabedoria de Deus mais excelsa, a que está escondida no mistério (1Cor 2,6-7), é isso que sugere o nome de ‘rola’. De fato, essa ave passa a vida em lugares muito escondidos e distantes da multidão, e prefere os ermos das montanhas ou os recônditos das florestas, sempre afastada da multidão e estranha às turbas.” (ORÍGENES, 2018, IV, 1, 8).

prerrogativa do Espírito aquecer, fecundar e derreter o gelo do pecado que enrijece a alma. Assim cantou em forma de poesia:

Com o calor, tudo amadurece;
graças ao Espírito, tudo é santificado:
símbolo evidente!
O calor derrete o gelo dos corpos:
o mesmo faz o Espírito com a impureza dos corações.
Ao primeiro calor, saltam os bezerrinhos na primavera;
assim também os discípulos, quando o Espírito desceu sobre eles.
O calor rompe os troncos do inverno que mantêm flores e frutos prisioneiros:
graças ao Espírito Santo,
quebra-se o jugo maligno,
que impede à graça desabrochar.
O calor desperta o seio da terra adormecida:
o mesmo faz o Espírito Santo com a Igreja.
(EFRÉM SÍRIO, Apud CANTALAMESSA, p.135)

Segundo Orígenes, os brotos da figueira “já são os germes que o espírito humano começa a produzir - que em si mesmo é designado pela imagem da figueira” (ORÍGENES, 2018, IV, 1, 9) ainda não são os frutos do Espírito Santo - a caridade, a alegria, a paz et., mas esses brotos sinalizam a potência de vida (*dýnamis*) sendo atualizada pelo Espírito Santo no espírito humano. Em sentido eclesial, a expressão “a figueira dá brotos”, ou, “despontam figos na figueira” (Ct 2, 13) “pode entender-se como os frutos do Espírito Santo que, pela primeira vez, se descobrem e são manifestados na Igreja” (ORÍGENES, 2018, IV, 1, 18); ou pode simbolizar a letra da Lei, que “antes da vida de Cristo estava oculta, fechada e encoberta pelo véu da compreensão carnal” (ORÍGENES, 2018, IV, 1, 18). Com a vinda do Cristo e com a sua presença, “desabrocharam nela o germe da compreensão espiritual, e apareceu o significado verdejante e vital que nela estava encoberto; assim a Igreja que estava escondida por Cristo na figueira, isto é, na Lei, não se mostra estéril, nem segue a letra que mata, mas segue o Espírito que floresce e vivifica” (ORÍGENES, 2018, IV, 1, 18).

Os frutos do Espírito são frutos “cristológicos”, ou seja, têm uma relação muito íntima com Jesus Cristo. Jesus dissera: “Aquele que permanece em mim, e eu nele, dá muito fruto” (Jo 15,5), e ainda: “Nisto meu Pai é glorificado: que deis muito fruto” (Jo 15,8). Para Paulo, mostrar os frutos do Espírito, “ter o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus” (Fl 2,5) e revestir-se de Cristo (Rm 13,14) são expressões, todas elas, que indicam

a mesma realidade de fundo. Jesus é a *videira*, o Espírito Santo é a *seiva*, graças à qual os discípulos, *os ramos*, dão fruto abundante. Cristo, dirá um antigo autor espiritual, cultiva a alma para que produza “os frutos do Espírito”. Com o instrumento da cruz, Ele revolveu a terra árida e inculta da alma e plantou nela o jardim ameno do Espírito, que produz todo o gênero de frutos suaves e saborosos para Deus (CANTALEMESSA, 2013, p.317-318).

Considerações finais

Em Orígenes, o tema da vida no Espírito está intrinsicamente relacionado à antropologia teológica. O ser humano é pensado na sua totalidade: espírito, alma e corpo. No presente artigo, refletimos sobre a dimensão espiritual do ser humano que o torna aberto à experiência de Deus. Essa experiência de Deus, enquanto vivência cristã, passa pelo reconhecimento da condição do ser criado à imagem e semelhança de Deus. É importante observar o otimismo de Orígenes em relação às criaturas que esfriaram seu amor para com Deus. A criatura, estando em condição de pecado, não está impossibilitada de *reacender* seu amor a Deus. Ela, por conservar algo da imagem de Deus, poderá relançar-se no caminho da salvação e, assim, configurar-se, pela semelhança, ao Cristo, o Homem Novo.

No Comentário ao Cântico dos Cânticos, o mestre Alexandrino ilustra o dinamismo da vida espiritual figurado no esposo e na esposa, protagonistas desse drama de amor. O Esposo é o Verbo de Deus desejante de encontrar-se com a Esposa (Igreja/alma) também habitada pelo desejo do encontro. A atração entre ambos é mediada pelo parentesco divino-humano, ou seja, pelo dom do ser criado à imagem e semelhança de Deus. Esse parentesco é, sobretudo, uma afinidade com Deus, por parte da criatura, naquilo que é a revelação mais sublime da vida divina: “Deus é amor” (1Jo 4,8).

Referências bibliográficas

- EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2001, (Patrística 15).
- FORTE, Bruno. *Os graus do amor no Cântico dos Cânticos*. Tradução Antonio E. Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CANTALAMESSA, O Canto do espírito: meditações sobre o *Veni Creator*. Tradução Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*. São Paulo: Paulinas, 2009. (Livros básicos de teologia 14)
- CROUZEL, Henri. *Théologie de l'image de Dieu chez Origène*. Paris: Aubier Montaigne, 1956. (Théologie 34).
- CROUZEL, Henri. *Orígenes: un teólogo controvertido*. Tradução Monjas Beneditinas da Abadia Santa Escolástica de Victoria. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998.
- Daniel, KOUOBOU. *A afectividade no itinerário espiritual segundo as Homilias sobre o Cântico dos Cânticos de Orígenes* - tradução e estudo teológico. Lisboa: Paulus, 2017.
- GILSON, Étienne. *O espírito da filosofia medieval*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GREGÓRIO TAUMATURGO. *Elogio del maestro cristiano*. Tradução Marcelo Merino Rodríguez. Madrid: Ciudad Nueva, 1990, (Biblioteca de Patrística 10).
- LADARIA, Luis F. *Introdução à antropologia teológica*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Loyola, 2016.
- LUPI, João. O homem e o mundo na antropologia teológica de Orígenes. *Veritas*, Porto Alegre, volume 1, número 1, p.507, 1999.
- MONDONI, Danilo. *O cristianismo na antiguidade*. São Paulo: Loyola, 2014.
- ORÍGENES. *Homilias sobre el Génesis*. Traducción José Ramón Díaz. España: Ciudad Nueva, 1999.
- ORÍGENES. *Tratado sobre os Princípios*. Tradução João Eduardo Pinto Basto Lupi. São Paulo: Paulus, 2012. (Patrística, 30).
- ORÍGENES. *Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos*. Tradução, introdução e notas Heres Drian de O. Freitas; João E.P.B. Lupi. São Paulo: Paulus, 2018.

RAVASI, Gianfranco. *Cântico dos Cânticos*. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1988.

Trabalho submetido em 06/03/2019.
Aceito em 07/05/2019.

Donizete José Xavier

Bacharelado e Licenciatura em Filosofia e História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras das Faculdades Associadas do Ipiranga (1993). Bacharelado em Teologia pelo Instituto Teológico Pio XI (1996) e Mestrado em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção (2002). Doutor em Teologia Fundamental pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. E-mail: djxavier@pucsp.br

Francisco Erlânio Gomes Ribeiro

Licenciado em filosofia pela Faculdade de São Bento (SP) (2012) e bacharelado em teologia pela Faculdade de São Bento (SP). Mestrando em teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: freierlanio@yahoo.com.br